

ASPECTOS DE ORALIDADE NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS BRASILEIRAS.

Elane Marques de Jesus (UESB)

elane_tokinho@hotmail.com

Claudiane Silva Piropo (UESB)

kku_ltras@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar o contínuo fala-escrita no gênero textual histórias em quadrinhos. O trabalho está vinculado ao Programa Institucional de Iniciação à Docência da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, no subprojeto “O contínuo língua oral – língua escrita no ensino fundamental”, que atua na Escola Municipal Stella Câmara Dubois, no município de Jequié-Bahia, desenvolvendo um trabalho com a turma do 7º ano C vespertino. Há necessidade de trabalhar com algo lúdico para introduzir o assunto *oralidade* nos levou às histórias em quadrinhos. Para tanto, teremos como base o *Parâmetros Curriculares Nacionais*, de 1998, em que as histórias em quadrinhos se tornaram mais constantes, tanto em livros didáticos quanto nos exames oficiais. Para fundamentar teoricamente a análise que faremos, alguns pressupostos teórico-metodológicos da análise da conversação serão utilizados (MARCUSCHI, 2001). Em suma, pretendemos analisar a mudança que uma mesma história em quadrinhos sofre com o passar do tempo, tanto em termos formais quanto em conceituais, bem como fazer com que os alunos percebam marcas de oralidade na escrita.

Palavras Chave: Oralidade. Escrita. Quadrinhos.

Há tempos se discutem as dicotomias existentes entre a língua oral e a língua escrita. Essas duas modalidades da língua são vistas como dicotômicas, uma vez que a língua escrita possui um valor social maior em detrimento da língua oral. Por ter sido por muito tempo a escrita, o objeto principal para o ensino de língua materna, na qual a essa era vista como organizada e a oralidade caos valorizou-se a escrita em detrimento da língua oral. Deste modo, vivemos em uma sociedade grafocêntrica, na qual a escrita é o centro dos estudos. O que precisamos entender é que essas dualidades da língua apresentam o mesmo valor, uma vez que a oralidade é de suma importância para o bom desenvolvimento do aluno dentro da sala de aula, haja vista que ele tem que se posicionar quanto ao seu discurso. E fora da escola na (sociedade) como sujeito, pois este precisa do discurso desenvolvido na instituição escolar para colocar-se sobre os assuntos acerca da sociedade. O que devemos ter em mente é que tanto a língua falada, como a língua escrita pertence ao mesmo sistema linguístico, o que as diferenciarão será o modo de aquisição, o modo de

preparação e como cada uma é estruturada. Em que, a língua é vista como algo natural ao homem e a escrita é vista como algo mecânico, na qual esta é aprendida em uma instituição escolar e aquela é desenvolvida na comunidade de fala do indivíduo.

Partindo do pressuposto de que essas modalidades da língua não devem ser vistas como dicotômicas, mas sim em um continuum, no qual em cada extremidade se encontra uma modalidade, durante o percurso de um polo ao outro existem níveis de formalidade e informalidade tanto da escrita como da fala caracterizando o contínuo existente entre essas dualidades da língua. Veremos, desta forma, que há mais semelhanças do que diferenças entre essas línguas. Assim, oralidade e escrita devem caminhar juntas no ensino de língua materna, pois ambas fazem parte do mesmo sistema linguístico e com o mesmo valor social.

Segundo Santos, Mendonça & Cavalcante (2007), o que faz a escrita parecer superior à oralidade é o valor social a que lhe foi atribuído há muito tempo no início do processo de escolarização. A escrita sempre foi vista como superior à oralidade, no entanto a língua falada é a primeira e a principal fonte de comunicação entre os homens. O que aconteceu com a escrita foi uma valorização social desta, em relação à língua falada. Sendo por muito tempo o objeto principal do ensino de língua materna, a escrita foi ganhando o seu espaço na sociedade. No processo de escolarização, o currículo que se tinha era visto como tradicional no século XIX. No Brasil dos anos 20 do século passado, este currículo é baseado nos clássicos e gramáticos normativos. Uma das pretensões deste currículo era garantir um modelo de cultura universal. Nessa época, cultura era praticada por uma pequena parte da sociedade, pela classe privilegiada que seguiam um modelo de língua-padrão. A herança deixada pela cultura ocidental era baseada em uma escrita-padrão dos textos clássicos que constituía uma boa literatura. Com essa concepção de gramática normativa e escrita, a aprendizagem da língua consiste na arte de bem falar e bem escrever. Assim, o ensino de língua e da escrita deve ser iniciado com a gramática. No final dos anos 70 e início dos anos 80 há uma mudança no pensamento no que se refere a educação. A educação passa a ser responsabilidade do Estado. São introduzidos novos elementos nesse sistema como, a forma oral e gráfica. Apesar desses novos aspectos não há um rompimento com a visão de língua e ensino efetuada pela escola. Escrever bem era vista como uma prática de imitação de escrituras clássicas. Em suma, a escrita possui um valor social no que tange a língua falada, seu processo é feito de forma mecânica baseado em uma cultura

tradicional que valoriza os textos clássicos, bem como dita como devemos escrever um texto para que este seja feito de “forma correta”.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* propõem que o conteúdo de língua portuguesa seja articulado em dois eixos: o uso da língua oral e escrita e reflexões sobre língua e linguagem. Deste modo, o ensino de língua materna deve trabalhar tanto com textos orais quanto com textos escritos e, mais que isso o aluno precisa refletir sobre os usos linguísticos e não apenas memorizar regras gramaticais. Tal ensino deve ter o texto como unidade básica e não partir de segmentos descontextualizados como vocábulos e sentenças.

No tocante ao trabalho com a modalidade oral, os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1998) afirmam a necessidade de seu desenvolvimento na medida em que os alunos serão avaliados na hora de responder a diferentes exigências de fala e de adequação às características próprias de diferentes gêneros do oral. Assim, para o documento (PCN, 1998, p. 67)

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. Ensinar língua oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar de língua portuguesa e de outras áreas e, também, os gêneros da vida pública no sentido mais amplo do termo.

Por ser de suma importância para o trabalho com o desenvolvimento da competência linguística dos alunos, escolhemos trabalhar com o contínuo fala-escrita no gênero histórias em quadrinhos, mostrando aos alunos a mudança que uma mesma história em quadrinhos sofre com o passar do tempo, tanto em termos formais quanto em conceituais, bem como fazer com que os alunos percebam marcas de oralidade nesse gênero através da escrita.

Há necessidade de trabalhar com algo lúdico para introduzir o assunto *oralidade* nos levou as histórias em quadrinhos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada em 20 de dezembro de 1996, já sinalizava para a necessidade de “linguagens contemporâneas” serem incorporadas na realidade pedagógica brasileira. Nos anos seguintes os *Parâmetros Curriculares Nacionais* tornaram a presença dos quadrinhos mais explícita. (RAMOS, 2011, p. 96).

As histórias em quadrinhos surgiram no século XIX nos Estados

Unidos, como uma forma de comunicação que se tornaria um gênero deste século. Segundo Ramos (2011), quadrinhos ou histórias em quadrinhos, as conhecidas histórias em quadrinhos, são narrativas feitas com desenhos sequenciais, em geral no sentido horizontal, e normalmente acompanhados de textos curtos de diálogo e algumas descrições da situação, convencionalmente apresentados no interior de figuras chamadas "balões". Em 1905 começaram a surgir histórias em quadrinhos nacionais com o lançamento da revista *O Tico-Tico*. Na década de 50, começaram a ser publicados no Brasil, pela Editora Abril, as histórias em quadrinhos da Disney. A partir da década de 60, multiplicaram-se as publicações e os personagens brasileiros. Destaque para *Pererê*, de Ziraldo (que mais tarde criaria *O Menino Maluquinho*). Maurício de Sousa é o maior nome dos quadrinhos nacionais. Foi o único a viver exclusivamente dos lucros de suas publicações. *A Turma da Mônica* é o maior sucesso do ramo no país, em todos os tempos.

O objetivo da oficina foi que os alunos percebessem as marcas da oralidade a partir da escrita dos quadrinhos, desta forma, através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, subprojeto "O Continuum Língua Oral – Língua Escrita no Ensino Fundamental", que atua na escola municipal Stela Câmara Dubois, atendendo duas turmas de 7º ano foi realizada a oficina "Aspectos de Oralidade nas Histórias em Quadrinhos Brasileiras", a atividade foi desenvolvido com a turma de 7º ano C vespertino. A oficina foi aplicada no dia às 13 horas do dia 10 de novembro de 2014, na sala de vídeo com a presença de doze alunos do 7º ano C e os pibideiros. Foram apresentados slides com todo o conteúdo falando sobre a história das histórias em quadrinhos. Feito o panorama das histórias em quadrinhos foi apresentado o conteúdo específico falando sobre o contínuo fala-escrita, bem como exemplos em quadrinhos com marcas da oralidade através da escrita. Depois da apresentação foi solicitado aos alunos que em duplas construíssem histórias em quadrinhos caracterizando-as com as especificações apresentadas.

O trabalho com oralidade no ensino ainda é insuficiente, percebe-se que os professores continuam a privilegiar a língua escrita em detrimento da oral. É de fundamental importância tratar a questão da língua oral da mesma forma que a língua escrita, haja em vista que tanto a língua oral como a língua escrita são práticas sociais que possuem caráter de real funcionamento devem ser levados para o ambiente escolar, precisamente, nas aulas de língua portuguesa.

Podemos perceber no gênero histórias em quadrinhos um cami-

nho para o trabalho com o contínuo oralidade-escrita, tendo em vista que esse gênero é lúdico e apresenta aspectos da oralidade através da escrita.

Fazer com que os alunos percebam a relação entre língua oral e língua escrita já é um passo para que esses discentes entendam como a oralidade é desenvolvida, não mais separada da escrita, como dicotômicas.

Assim, desenvolver a oralidade no aluno é um dever do professor, uma vez que esse sujeito deve posicionar seus discursos a cerca dos assuntos que assolam a nossa sociedade. Além disso, é de responsabilidade do professore, acima de tudo, formar cidadãos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

ELIAS, Vanda Maria. *Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. São Paulo: Contexto, 2010.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O. AQUINO, Z. G. O. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2004.

RAMOS, Paulo. *Recursos de oralidade nos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2011.

SANTOS, Cami Ferraz; MENDONÇA, Maria; CAVALCANTE, Marianne C.B. *Diversidade textual: os gêneros na sala de aula*. Belo horizonte: Autêntica, 2007.